



## I

*Prelúdio*

A mulher tira uma página do seu dicionário, a 33, a primeira, porque o dicionário está rasgado e já não tem capa, e o dicionário como um croupier dá-lhe três palavras actriz, actual, actualidade e repara que, sobre a página, as palavras estão a andar, acumulam-se como num baralho, sobrepoem-se, deslizam, e tomam banho num mar que ali apareceu

foi muito brusca essa aparição

e que, junto das rochas, embate furioso contra a falésia. A mulher corre perigo. Senta-se no dicionário, que é um banco sólido de papel e, de mim para ela, escorrem duas cenas. Ora a cena do plátano, a que chamo Grande Maior, ora as palavras se aproximam de mim em fuga, rodando num turbilhão que sucumbe quando pouso a mão sobre o texto.

Este livro é leve e jubiloso, embora tente abrir caminho através de uma conjectura grave. É provável que mal se dê por isso, como quando traduzi *O Alto Voo da Cotovia*



e tentei transpor para a consciência quotidiana o que, durante séculos, fora atribuído ao êxtase.

A mulher, para se salvar do perigo iminente que corre, diz «O Meu Dicionário de Hoje», e, se dissesse o meu destino de hoje, teria dito exactamente o mesmo. É uma expressão paralela que me ocorre e peço ao Grande Maior que me deixe subir até ao alto da sua copa, tentar compreender a linguagem das suas folhas. Há palavras afins com determinadas regiões do corpo, há vidas intimamente unidas e para sempre paralelas porque o dicionário lhes distribuiu exactamente as mesmas palavras. São parceiros e ignoram-no. Eu, por exemplo, sentia-me livre no interior da liberdade que me ocorre (e me dá passagem), sem saber que a mulher corria um perigo inevitável.

Há uma palavra para esta estranha relação. Eu e ela éramos *textuantes*.

Encontrei-a, por duas vezes, e não a reconheci.



## II

### *O Vaso Quebrado e o Grande Maior*

ergo os olhos para a cúpula da árvore.

Próximo, há uma fonte, a fonte do Plátano, e o que me atraiu foi a humidade do lugar, e a anfractuosidade da pedra para apoiar as costas. Mas, já sentada, apoiei a nuca sobre a rocha e principiei a ver que, por cima da minha cabeça, seguindo os raios de luz que desejavam partir, havia ruas extensas e elípticas, orifícios ou vazios entre as folhas, que correspondiam a praças verdes, que acolhiam um lugar habitado, elevado à potência da copa de uma árvore.

O meu corpo sentado perdeu-se, e fiquei visível e invisível.

Dois cães não tiveram medo da minha imobilidade, e o meu encontro com eles foi breve, pois estavam de passagem.

Tinha o sentimento de que, com um simples olhar, eu própria deslocara o meu corpo. E o corpo estava onde estava o meu olhar, às portas de uma cidade-árvore que eu intitulara o Grande Maior. Nesse lugar, eu não devia preocupar-me com a credibilidade do meu testemunho, pois seria dito, de uma vez para sempre, que era uma cidade invisível e que só eu via. A árvore, essa, poderia ser vista por toda a gente. Estava, as-



sim, consciente de que criara as condições para haver tranquilidade de espírito para todos. Excepto para o texto que não se mostrava muito contente. Entendi, no entanto, que o livro lhe pertencendo quase por inteiro, me coubesse a mim o seu breve exórdio, por razões que talvez venha a explicitar.

Com um simples olhar eu subia, mais do que eu própria estivesse a andar ou a ser transportada. Os últimos dias não tinham sido fáceis, e eu apaziguava-me verdadeiramente por ter encontrado, ao levantar a cabeça, as ruas finas da árvore que penetravam as minhas veias e me faziam ascender sem voar porque o meu corpo é muito terra.

Nesse alto universo chovia, e por isso a clorofila deixava-se inundar de um tom brilhante que marcava até aos calcanhares os pés de quem passava. Havia pés por cima de mim, no *paraverde*,

e eu senti que, naquele instante, muitos seres «nasciam», porque chovia e aqueles pés eram particularmente leves. Mesmo que um apontasse o meu coração, o meu coração continuaria a bater, e talvez renascido. O facto é que eu resvalava só, como *alguém que eu sou* privada de linguagem. Resvalava só por não estar sendo quem sou, quem fui, quem serei. Estava, no entanto, conscientemente muito visível. A suspensão das minhas coordenadas habituais não me inquietava. Pelo contrário, compreendi que seria uma visitante bem aceite na cidade-árvore. Se eu perguntasse se conheciam os meus textos, creio que amavelmente me diriam: «Nós também escrevemos sobre folhas. Podes entrar!». Foi o que ouvi do fundo da chuva para si própria.

Descrever um lugar indescritível é torná-lo inamovível para o resto da minha vida, que certamente decorrerá ao lado da árvore, como sempre tem decorrido no jardim que o pensamento permite. O jardim não é criado pelo pensamento, o jardim permite pensar, tem a sua própria forma de pensar o pensamento. O Grande Maior tem as mesmas propriedades. Apenas não

pensa do mesmo modo. Na verdade, aprofundar a intensidade de viver e deixá-la à natureza, é morrer menos. Falo do meu ponto de vista de visitante, porque ali não havia morte; não sei se não tinham palavras para isso ou se simplesmente não precisavam dela. Havia uma fonte que a seiva molhava a meio de uma Praça — um rasgão no céu —, e, paradoxalmente, seres se sentavam nessa seiva onde, imergindo, tomavam rosto que uma humana como eu reconhecesse. As mãos freMIAM. Foi a primeira parte do corpo deles que reconheci. Eu não tinha aceite a sua hospitalidade com a intenção de lhes contar quem era, mas para os ouvir falar sobre a sua própria personalidade.

Levaram-me a uma divisória para eu poder lavar as mãos num riacho, e repousar. Disseram-me, falando gentilmente a minha linguagem: «O mais difícil para ti vai ser não imaginares. Tu és uma textuante. A cama que aqui deixamos servir-te-á de ponto de apoio». E, de facto, o espaço era sem fim, dentro dessa divisória sem fim. E, estendendo os lábios, beijaram-me todos num só, que era mais alto do que eu.

Eu tinha junto à minha cama, bela como o interior e o exterior das janelas ausentes, dois vasos com aspidistras peroladas de gotas de água, e onde a chuva continuava a cair, conservando a grande delicadeza das gotas. Desci para o chão pelo fundo do leito, e vi que a cor determinava a própria matéria dos objectos que eram todos naturais e se desfaziam sob os meus dedos, reconstituindo-se, ainda mais belos e coloridos, adiante. Esta inversão de lugares — a cadeira de balouço no vão da janela e as plantas próximo de mim — trouxe-me a paz criativa com que estou a ler, precisamente, a falar com alguém que desconheço, e que precisa deste texto. Uma mulher, creio. A que está sentada sobre o dicionário. Talvez, um dia, precise que a traga aqui.